
**A SOBREVIVÊNCIA DE EROS NO AMBIENTE DO INTERNATO: UMA LEITURA
DE *DOIDINHO* DE JOSÉ LINS DO REGO E DE *OS RIOS PROFUNDOS* DE JOSÉ
MARIA ARGUEDAS**

Leonice Rodrigues Pereira

Universidade do Estado de Mato Grosso – Brasil

...estou depondo (...) sobre fases da vida de adolescentes passada no internato do colégio Pedro II, onde a preocupação com a obscenidade, a pornografia e o sexo – ocupavam muito mais os alunos que as doze matérias dos exames finais.

(Pedro Nava, *Balão Cativo*)

RESUMO: Na perspectiva das narrativas de *Doidinho* de José Lins do Rego e *Os Rios Profundos* de José Maria Arguedas, as atribuições vividas pelo aluno interno são, muitas vezes, traumatizantes. Os impulsos sexuais são intensificados considerados o momento de transformação pelo qual passa o adolescente, inserido no meio opressivo do internato. A convivência unicamente com indivíduos do mesmo sexo, adicionadas às proibições que impossibilitam o aluno a dar vazão às várias formas de prazer, próprias da adolescência, acaba por propiciar a existência acentuada de relações homossexuais entre os internos, que, pela rigidez de sua formação moral e religiosa, vivenciam o sexo como algo sujo. Em contrapartida, é através da relação sexual com a mulher que o adolescente consegue superar a barreira principal que o separa da vida adulta.

PALAVRAS-CHAVE: Interno, adolescente, proibições, sexo, homossexuais, moral.

ABSTRACT: In the perspective of the narratives of *Doidinho* by Jose Lins do Rego and *Os Rios Profundos* de José Maria Arguedas, the attributions lived for the internal pupil are, many times, traumatizantes. The sexual impulses are intensified considering the moment of transformation for wich pass the adolescent, inserted in the overwhelming way it Boarding school. The convivência solely with with individuals of the same sex, added to the prohibitions that disable the pupil to give solution to the some forms of pleasure, proper of the adolescence, they finish for propitiating the eccented existence of relations homossexuals between the interns, that, for the rigidity of its moral and religious formation, they live deeply the dirty sex as something. On the other hand, it is through

the sexual relation with the woman who the adolescent obtains to surpass the main barrier that separates it of the adult life.

KEYS-WORDS: internal pupil, adolescent, prohibitions, sex, homossexual, moral

A adolescência é naturalmente um período cheio de contradições, considerando as profundas mudanças psicológicas, físicas e sociais pelas quais passa o ser humano inserido na cultura ocidental. Pode-se considerar que esse momento turbulento da existência do indivíduo configura-se como um segundo nascimento, isto é, o seu nascimento para a sociedade rumo a definição de sua individualidade, cortando-se, assim, o cordão umbilical que o liga a placenta familiar (BOSI, 1988). Na perspectiva das narrativas em estudo, passar a adolescência num internato apenas intensifica os dramas da puberdade. Consequentemente, as atribulações vividas pelo aluno interno são intensas e traumatizantes.

Na visão apresentada por essas narrativas de *Doidinho*, de José Lins do Rego, *Os Rios Profundos*, de José Maria Arguedas, e de muitas outras obras que abordam a vida do aluno interno, indivíduo é submetido, no internato, ao cerceamento de sua liberdade e à imposição de padrões morais rigorosos. Assim, as forças impetuosas da juventude, contidas pelo sistema de vida, escapam por caminhos proibidos. A imaginação do adolescente, como afirma Perrone-Moisés (1991:22), "já naturalmente aguçada pelo momento de transformação sexual que atravessam, parece exacerbar-se de modo proporcional à repressão que nesse ambiente experimentam".

Os impulsos sexuais são intensificados conforme se processam as transformações psíquicas, físicas e sociais pelas quais passa o adolescente. A formação cultural recebida por este, impregnada de tabus em relação ao sexo, e o fato do adolescente viver aprisionado, como ocorre no internato, despertam ainda mais o interesse do púbere pelo sexo e a sua curiosidade a respeito do referido assunto. Em um estudo sobre a memória de Pedro Nava, Joaquim Alves Aguiar (1998:91) aborda que é por meio do sexo que os alunos, referidos pelo escritor, conseguiam protestar contra a "rigidez da ordem disciplinar: palavrões, masturbação, leituras pornográficas, etc., tudo praticado à surdina...".

Reprimidos pelas autoridades escolares, os jovens passam a viver sua sexualidade de maneira clandestina e, consequentemente, sofrem fortes conflitos em sua consciência, uma vez que sua formação é norteada por princípios morais e religiosos rígidos, oriundos de uma cultura castradora.

Muitas vezes, as autoridades escolares, por sentirem-se incapazes de fazer valer os princípios estabelecidos ou por medo de verem caída a máscara de tão propagada *boa cultura moral* presente em seus estabelecimentos de ensino, fingem não perceber que o tipo de sexualidade experimentada pelos adolescentes no

colégio contrariam totalmente as normas estabelecidas. Só vão atinarem para o problema quando receberem a delação dos fatos, por meio, muitas vezes, dos próprios alunos.

Da mesma maneira que Padre Linares e seus companheiros faziam vista grossa para as práticas sexuais dos alunos em *Os Rios Profundos*, o diretor Maciel, em *Doidinho*, apesar de todos os indícios da existência de uma relação homossexual – notado pelos alunos e pelos demais adultos no colégio – só foi tomar providências para corrigir os responsáveis pelas ofensas às concepções estabelecidas depois que o escândalo aconteceu: “Seu Maciel era como certos pais irascíveis, que brigam com as filhas por causas insignificantes e, no entanto as deixam por lugares escuros namorando” (D, p. 82)¹.

O conhecimento de obras caracterizadas como representações literárias da escola faz notar que a dinâmica de funcionamento dos internatos, a convivência unicamente com indivíduos do mesmo sexo acabam por impulsionar a existência acentuada de relações homossexuais, as quais se caracterizam na maioria dos casos, como afirma Mazzari (1997:230), pela “submissão sexual do mais fraco ao mais forte”. Em *Doidinho*, há a relação entre Pão Duro e o pequeno Clóvis, que poderia exemplificar essa constatação. Conforme a perspectiva apresentada, aquele se aproveita da carência afetiva e da fragilidade deste para explorá-lo sexualmente, revelando, assim, a inexistência do sentimento de amizade.

O narrador adulto aponta para a existência de uma relação de poder, em que o maior subjugava o menor, seduzindo-o a satisfazer seus desejos. O ocorrido é julgado e condenado por todos, inclusive pelo próprio protagonista, norteados especialmente pela recente formação religiosa recebida no colégio. Todos que se manifestaram comentando o acontecimento viram sem nenhuma dúvida Clóvis, um interno de apenas dez anos, somente como vítima da perversidade do aluno mais velho: “Era menos o dono de Clóvis. (...) Coitado! Tinha pena dele. Fora um fraco nas mãos grosseiras do outro” (D, p. 82-3). De acordo com a concepção dos personagens ali presentes e do próprio narrador, Clóvis não é responsável pela ação que pratica, enxergaram-no como um sujeito passivo.

Clóvis, quando entra no internato, semelhante a Sérgio de Raul Pompéia é apresentado no texto como uma criança pura, inocente que é empurrada com rapidez para o sexo. Desse modo, o narrador aponta para um aspecto da estrutura de funcionamento do colégio que interfere no processo natural do desenvolvimento sexual de uma criança. Conforme o ponto de vista expresso nas obras, o tipo de convivência entre os membros do internato propicia aos meninos ainda na pré-adolescência apresentarem comportamentos peculiares aos púberes, isto é, passam a experimentar fases da vida sexual de maneira precoce. Assim, a perspectiva apresentada não só em *Doidinho*, mas também em *Os Rios Profundos* e em outras

obras desse tipo, condiz com o pensamento de Rousseau referente a essa abordagem, Para o referido filósofo a puberdade e a “potencia sexual” chegam muito mais rápido na vida dos filhos de povos “instruídos e policiados” moradores das cidades, que entre crianças de origens “simples” e “rudes” (RUSSEAU, 1995: 278-9).

Em contrapartida, o narrador de José de Lins do Rego sustenta a idéia de que o protagonista Doidinho vem da paisagem bucólica do engenho bem adiantado em matéria de sexo. Analisando o caráter social, cultural e político do engenho, pode-se afirmar que esse, apesar de se caracterizar como um ambiente rural, não se assemelha ao universo simples e natural delineado positivamente pelo filósofo da natureza.

O perfil que o narrador delinea para Clóvis, em Doidinho, antes de ingressar no colégio, traz a tona o mito da criança “boazinha”, muito distinta dos traços apresentados por Doidinho no tempo de menino, quando residia no engenho. No colégio, o protagonista percebeu o tamanho da brutalidade que praticava quando era criança: “Presos com os canários nos meus alçapões” (D, p. 8). Na condição de aluno interno, ele reconheceu que as mesmas maldades de que era vítima no internato, já as havia cometido com outrem. Suas vítimas de menino eram os passarinhos, certamente, também, as formigas, as moscas, as cigarras ou qualquer outra espécie de animal indefesa, capaz de se tornar presa fácil nas mãos de crianças acostumadas a divertir-se com a dor e o sofrimento alheio. Ao falar de suas perversidades praticadas contra as pequenas criaturas e, enfim, de todas as travessuras realizadas no engenho, o narrador-personagem pode estar contrapondo à idéia de que a criança é bondosa por natureza, as crianças do Santa Rosa revelam-se sádicas na visão de Doidinho adulto. Por outro lado, o texto de José Lins do Rego pode evidenciar que no universo do engenho, apesar de se tratar de um espaço rural onde a natureza de modo expressivo, constitui num ambiente onde muito cedo as crianças já imitam os vícios e a corrupção presentes entre os adultos. Algumas passagens tanto de um romance quanto de outro revelam, aos olhos do protagonista-narrador, que as transformações ocorridas no modo de agir do menino, que ganham traços dos comportamentos adultos, acontecem muito rapidamente. Esta contratação está implícita nas observações de *Doidinho* a respeito de si mesmo, em *Menino do Engenho*, e de Ernesto, em *Os Rios Profundos*, quando se refere ao colega Antero. Este, num certo espaço de tempo, substitui seus comportamentos infantis pelas atitudes hostis e demagógicas dos adultos de sua classe social.

Para falar da precocidade do aluno interno, é imprescindível ainda lembrar a fala de um personagem de *O Ateneu* que previne o recém-chegado Sérgio do que poderia lhe acontecer no colégio:

...Olhe; um conselho: faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se. (...) Os rapazes tímidos, ingênuos, sem

sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza, são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é o melhor das vidas, com acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos (...) comece por não admitir protetores (POMPÉIA, 1984:28).

Para melhor refletir sobre essa relação de dominante e dominado no meio escolar, é importante trazer aqui também a fala mordaz de um dos personagens de Llosa (21), referente a sexualidade experimentada: "No exército o que importa é ser bem macho, ter bagos de aço, entendeu? Ou você come ou é comido. Não há meio termo..." Nessas passagens, o sexo aparece como instrumento de poder e de violência entre os adolescentes.

É comum, como já foi tratado no capítulo anterior, o adolescente, ainda sobre os efeitos do choque da separação da família para ingressar no ambiente desconhecido do internato, ser de imediato posto em situação em que seja obrigado a medir suas forças com os alunos veteranos e, dependendo do seu grau de agilidade, colocar-se do lado dos derrotados ou dos vencedores. E, ser tachado de vencido significa ter que sujeitar aos desejos sádicos dos vitoriosos.

Em grande parte dos colégios retratados pelas obras lidas, os alunos dividem-se em dois grupos: o dos "maiores" e o dos "menores". Segundo Angel Rama em seu texto "Los Rios Cruzados del mito y de la História" (281-2), numa análise de *Os Rios Profundos*, a relação sexual é o "passaporte" para que o aluno passe a ocupar um posto mais elevado na hierarquia do colégio. A passagem dos grupos dos menores para os dos maiores acontece mediante o exercício da sexualidade. No caso de Doidinho, os adolescentes, no engenho, ainda muitos jovens eram estimulados, de acordo com José de Lins do Rego e Gilberto Freyre, a viver sua sexualidade de forma precoce. Em contrapartida, no colégio, Doidinho perdeu seu lugar de preferido da Negra Paula para outros alunos maiores.

Diferente do que ocorre no livro de José Lins do Rego, em *Os Rios Profundos*, o protagonista encontra-se numa fase intermediária, tem catorze anos, mas ainda não passou pela barreira do sexo, tanto que se sente culpado em ir atrás dos grandes, vê-los em suas praticas proibidas. Ernesto "oscila entre a infância e a puberdade" (RAMA: 281). Na maioria das obras literárias que problematizam a vida no internato, os alunos classificados como grandes são vistos pelos narradores como maus e agressivos. E os menores, são vistos em algumas obras, como falsos. Pertencem ao hemisfério dos grandes, no colégio de Abancay, vários alunos, como o Lleras, o Añuco e o Cabeleira, os quais são caracterizados pelo protagonista como "os malditos", por fazerem "uso da sexualidade de maneira torpe com a boba, além de tratar os menores com uma

brutalidade despótica". Fazem parte do grupo dos maiores outros alunos, representados por Valle que, de maneira prepotente, menospreza os pequenos e exerce uma relação sentimental, sem envolver necessariamente sexo, com as mulheres de famílias abastadas.

De acordo com as afirmações de Angel Rama, Ernesto, de um lado, enxerga os grandes como seres "brutais", de outro, vê os menores como "falsos". Em contrapartida, o narrador atribui ao principal representante dos menores, Palácios, peculiaridade de um ser humano grandioso. É bastante lógico que, em uma instituição onde predomina a "lei do mais forte", cabe aos meninos pequenos usarem de diversas estratégias para se defenderem dos grandes.

Em *O Ateneu*, por exemplo, o narrador chama os menores de "pequenos hipócritas". O simulacro seria, então, nesse caso uma das estratégias mais eficientes, considerando que esses alunos não dispunham nem de força física nem de discurso suficientes para se defenderem dos seus colegas perseguidores. Nesse mundo onde reinam juntas crueldade e simulação, o olhar é apontado como um forte instrumento de ação e combate.

A definição de limites entre maiores e menores é mais evidente no livro peruano que no livro nordestino. Observa-se crueldade, falsidade e "incapacidade de um ato de grandeza humana" são características atribuídas por Doidinho, num momento de desilusão, a todos os colegas do colégio.

Para abordar a temática da sexualidade, além de levar em conta a questão da relação de poder, é necessário considerar principalmente a existência dos princípios morais e religiosos. O narrador de Arguedas, ao recordar como viveu seus desejos e impulsos no período da puberdade, o faz de maneira a retratar o meio sombrio e escuro onde o olhar torna-se cada vez mais incerto e limitado.

O pátio interno do colégio peruano, onde os alunos vivem os momentos de *libertinagem*, como caracteriza a visão do protagonista, é descrito como escuro e tenebroso, revelando assim, certa dificuldade do narrador-personagem em tratar a sexualidade dos adolescentes de maneira mais distanciada. Ernesto via os colegas nessas práticas proibidas como "monstros que aparecem nos pesadelos, agitando seus braços e pernas peludas" (RP, 60). Tais monstros, em seus movimentos, nos lembram a figura das "lampreias", evocadas por Raul Pompéia para referir-se aos prazeres que enleavam seus corpos nus na água "salobra" da piscina do Ateneu (POMPÉIA, 1984:32).

Os meninos grandes, comparados a seres monstruosos, constituem-se como indivíduos ameaçadores aos alunos que, representados pela figura do peixe, aparecem na condição de vítima indefesa. É o que acontece nesse trecho: "... nós, os pequenos, lutávamos contra esse poderoso mal, tremíamos diante dele, pretendíamos salvar-nos, inutilmente, como os **peixes dos rios** quando caem na **água turva dos**

aluviões" (RP, 60, grifos meus). De acordo com a perspectiva presente no texto, os garotos mais novos caem conduzidos na sexualidade pelos mais velhos. Por outro lado, essas passagens apontam para um problema relacionado ao seu desenvolvimento físico: o herói não consegue aceitar as transformações pelas quais está passando e o que mais o perturba são os impulsos sexuais que se acentuam ao se aproximar da fase da puberdade.

Em José Lins do Rego, o pequeno Clóvis é inocentado, no seu envolvimento com Pão Duro, pelos vários pontos de vista apresentados na narrativa; em Arguedas, é o próprio protagonista, através dos argumentos no narrador, que assume o papel de defensor de si próprio a dos demais colegas pertencentes ao hemisfério dos menores. É passada a idéia de que Ernesto e seus colegas não tinham *culpa* pelo que estava acontecendo. O desejo pelo sexo ganha, na visão do narrador, uma proporção assombrosa, capaz de dominá-lo independentemente da vontade do sujeito.

A simbologia da água suja aparece-nos dos romances em estudo. Em *Os Rios Profundos*, o narrador-personagem compara a expressão "água turva das aluviões" ao seu estudo turbulento de consciência, após participar das experiências que consideraram lascivas, ficando com a sensação de se ter banhado em "água contaminada". Já os internos do colégio Itabaiana banhavam nas águas barrentas do rio, onde realizavam seus mergulhos, para se aliviarem do peso que era viver no internato sob ordens de seus Maciel. As "águas barrentas" do rio Paraíba não "contaminavam" a alma de ninguém, trazia vida nova: fertilidade para o solo do engenho e liberdade para os meninos, presidiários do internato:

"Íamos aos domingos e às terças aos banhos de rio. Levava-nos o velho Coelho (...). Parecia que fugíamos de um presídio, pela mão de um avô de conto de fadas. (...) O sol brilhava para a gente com uma vida que não tinha para os outros. (...) E nas águas barrentas do rio lavava as minhas magoas de colegial" (D, p. 26-7).

José Lins do Rego apresenta o rio de água barrenta² compondo um cenário bem iluminado pelo sol e pela presença das cores da natureza. Assim a temática da sexualidade não é tratada nessa parte do romance no que se refere aos banhos de rio de maneira destacada. E, quando o narrador se refere às questões de sexualidade, não o faz numa perspectiva tão negativa como acontece na obra de José Maria Arguedas. A luminosidade presente na passagem acima citada expressa a sensação de alegria e felicidade experimentada pelos alunos num pequeno momento em que se libertam da prisão constituída pelo internato.

Em outras referências rápidas aos banhos de rio, ao longo da narrativa, é que vão aparecer cenas de natureza homossexual, como acontece neste fragmento:"No

banho do rio não deixava Clóvis sair de junto dele. Pão-Duro ficava rondando, todo de olhos compridos, dando mergulho para estourar debaixo do menino". (D, p. 82). Mesmo assim, as referências feitas pelo narrador às águas do rio estavam muito mais relacionadas com a questão da busca da liberdade do que com a sexualidade dos adolescentes, vista através de uma perspectiva negativa.

A água suja – assim como o ambiente interno mal iluminado, do colégio de Abancay – de acordo com a perspectiva do protagonista, representa simbolicamente o caráter obscuro e impróprio do tipo de sexualidade do tipo de sexualidade experimentado pelos adolescentes das instituições. Dessa maneira, as "águas sujas" apresentam conotação negativa e expressam uma visão, em relação ao sexo, norteadas pelos princípios da moral católica presente na formação do protagonista-narrador. O colégio não possibilitava aos alunos condições para viverem o processo da puberdade de maneira mais livre e condizente com a realidade de sua faixa etária.

O aspecto da água e do ambiente está ligado também ao fato de que, no internato, as pessoas agiam, como ressalta o narrador-personagem, de maneira hipócrita, procurando descobrir a verdadeira face da dinâmica de funcionamento da instituição. Pode-se dizer, então, como afirma Alfredo Bosi (1988: 32-52), que "a falta de transparência permeia vários aspectos da prática escolar".

Em oposição ao ambiente sombrio caracterizado negativamente pelo narrador de Arguedas, aparece a luz como forma de uma libertação, em que os adolescentes poderiam livrar-se de seus desejos carnis e aliviar a consciência: "A manhã nos iluminava, libertava-nos; o sol iluminava esplendorosamente, mesmo em cima dos capins amarelos que cresciam sobre o ar denso dos banheiros". (RP, p. 61). Nesse caso, para o protagonista era a luminosidade que restituiria a transparência ao meio opaco.

Depois da realização das práticas sexuais, os internos de Abancay sentiam-se impregnados por uma sujeira *contagiosa*, como que "*banhados em água contaminada*" (RP, p. 60). A água, de acordo com a visão do narrador conota a corrupção do indivíduo no meio escolar, o caráter pervertido e impuro da sociedade representada no internato, contrariando, assim, uma de suas principais funções simbólicas que é a de purificar.

"Doidinho alega que, após suas deleitações libidinosas, por mais que limpasse e lavasse o corpo, ainda ficava de alma encardida" (D, p. 57). Essa visão do sexo como sinônimo de sujeira está presente não só no romance de José Lins do Rego, mas também em *Os Rios Profundos*.

Para Ernesto, bastava olhar as cenas condenadas para sentir-se tomado pelo mal: "... muitas tardes fui ao pátio interno atrás dos grandes, e me contaminei olhando-os" (RP, p. 60). Nesse caso em conformidade com a perspectiva de que observa os

fatos, o sujeito que olha é afetado pela natureza do objeto olhado. Conforme as observações de Marilena Chauí, o olhar aí funciona como uma porta de entrada para que o sujeito, de acordo com o ângulo em que se posiciona, possa trazer o mundo para dentro de si. Assim, a pessoa que vê fica atingida em seu espírito pelos efeitos negativos da coisa vista. O olhar torna-se, então, um ato perigoso conforme expressam os escritos bíblicos e mitológicos, como o exemplo das filhas e da mulher de Ló, que são transformadas em estatuas de sal depois que olham para trás, para a cidade proibida. No internato o sexo e muitas outras formas de prazer transformam-se nessa cidade proibida. Ao sentir-se um libertino só de ver os colegas em suas práticas proibidas, Ernesto atribui ao olhar um poder de realização (CHAUÍ, 1991:32-3). Se não tivesse visto a referida cena, o protagonista estaria livre da condenação. A autocondenação aparece frequentemente nas duas narrativas em estudo e é fruto dessa rígida e opressiva formação moral e religiosa dos alunos, que olham o sexo como algo nocivo e pecaminoso. Veja-se que um dos colegas de Ernesto, preocupado em livrar-se de suas culpas, “flagelara-se na porta da capela” (RP, p. 60).

Em *Doidinho*, Deus também é uma espécie de soberano opressor, por ser capaz de aplicar os mais duros castigos ao ser humano que não cumprisse suas leis. Cobia, então, ao protagonista teme-lo muito mais do que já temia o professor Maciel, considerando que o poder de Deus é infinito e ao seu olhar é eterno. O narrador chega a falar da impossibilidade do indivíduo de esconder-se do “olho vigilante” de Deus (D, p. 40). De acordo com os princípios religiosos adotados, as pessoas não vêem a possibilidade de escapar do olhar do soberano, resta-lhes, então, evitar as atitudes e pensamentos considerados libertinos. Essa idéia de que Deus está em todo lugar, vendo e julgando o que as pessoas pensam ou fazem, tem forte relação com o que diz Jean-Paul Sartre a respeito do olhar. Para o referido filósofo, Deus é sempre sujeito onipresente e infinito, que nunca assume a condição de objeto. E, diante de um sujeito que jamais se converte em objeto, roubado para sempre da minha condição de sujeito, “realizo no absoluto minha objetividade” (SARTRE, 1997:370). Diante do poder divino, as pessoas sentem-se despidas de qualquer poder como sujeito, pois são apenas vistas por Deus e nunca conseguem vê-lo.

Comparando os protagonistas dos dois romances, é possível observar que *Doidinho* só via a sua sexualidade como algo do mal depois que, como aluno interno, passou pela catequização da igreja. Já Ernesto condenava como sujo e imundo qualquer manifestação de desejo sexual que presenciasse no colégio. Essa forma de o personagem principal de *Os Rios Profundos* ver a sexualidade como algo sórdido, além de estar relacionada com a repressão sexual estabelecida pela sociedade, pode estar ligada aos traumas de infância de seu autor. Arguedas, quando ainda era menino, tinha um meio irmão, o filho de sua madrasta, que o maltratava e o obrigava a presenciar cenas de orgias realizadas por ele, quando, muitas vezes, ocupava-se de

violentar mulheres, uma prática condizente com aquilo que os poderosos fazendeiros já faziam com as índias. E assim, como afirma Mauro Vargas Llosa, essas atitudes vistas e repugnadas pelo menino Arguedas vão lhe deixar marcas que repercutirão na sua maneira de conceber a sexualidade em suas obras (LLOSA, 1978:26).

Mesmo declarando-se um ateu e não tendo nenhuma afeição pela igreja, o diretor do internato de Doidinho permitiu que seus alunos fossem catequizados. A igreja o ajudaria a "domá-los" a seu modo. Apesar de declararem-se, nesse caso, diferentes, escola e igreja acabam por defender a mesma cultura social já posta. A formação recebida por meio da catequese contribuiu para que o menino percebesse o sexo como algo ainda mais obscuro que nos tempos anteriores a seu ingresso no internato. Assim, os ensinamentos, dados pela igreja colaboraram para que o diretor colocasse em prática seu projeto pedagógico, numa instituição em que o sexo ou qualquer tipo de prazer eram coibidos.

Em suma, o tabu no trato com a sexualidade daqueles que fazem parte do colégio está presente tanto na escola religiosa de Abancay quanto na escola comandada por um ateu declarado, como seu Maciel. Essa moral castradora do indivíduo se faz notar em todos os internatos, descritos nas obras estudadas. Ao efetuar a leitura de várias obras desse tipo, referentes a inúmeras realidades (escolas religiosas, militares e particulares), observa-se que o sexo pode adquirir essa conotação negativa de coisa suja em diversos tipos de colégio interno.

Pode-se observar que as questões da sexualidade no mundo do internato não envolvem apenas homens, mas também mulheres. E é por meio da relação sexual com a mulher que o adolescente consegue romper a barreira principal que o separa da vida adulta. Angel afirma que é esse o momento em que o "adolescente veste a 'toga viril' e ingressa no mundo dos homens" (279).

Ao analisar a condição da mulher referente ao mundo do internato, observa-se que de um lado aparece a mulher restringida a uma sexualidade de caráter puramente carnal, muitas vezes, em resposta a repressão, exercida na escola, aos desejos impetuosos dos alunos no período da puberdade; de outro lado, surge a mulher *pura* ou maternal, que traz ao adolescente inane o afeto e o aconchego que o liberta dos dissabores e do sofrimento vividos no internato.

Essa classificação das personagens que representam a figura feminina, no colégio, em dois tipos está presente em toda nossa tradição literária: a mulher tentadora, sensual, diabólica, e a mulher imaculada, esplêndida, maternal. A primeira tem como arquétipo a figura pecadora de Eva, aquela que pode seduzir o homem a afastar-se de seus princípios morais e religiosos, conduzindo-o a *caminhos obscuros e tortuosos* da vida. Já a segunda se espelha no protótipo de Nossa Senhora, uma mulher santa, sublime, com as qualidades de uma perfeita mãe, incapaz de levar o homem a perder-se na irracionalidade. Essa última como o modelo ideal de mulher e

obediente ao sexo oposto, constitui o porto seguro do homem, por dar a esse amparo, confiança, possibilitando-lhe viver num "mundo onde reine a transparência"⁷⁴ e ele possa estar seguro em toda e qualquer situação.

A mulher *sublime* é representada ao longo da história por tipos nobres, isto é, pertencentes a classe dominante. Ideologicamente, caracterizam-se por serem brancas e de olhos claros. Já a mulher tentadora, de acordo com a ideologia predominante na sociedade, pertence à classe marginalizada, é geralmente uma mulher do povo, como foram, por exemplo, as moças pobres, queimadas de sol, das cantigas de amigo de período trovadoresco.

Pelas narrativas sobre a vida no internato, nota-se que esse tipo feminino é representado por brancas – quando são pobres, empregadas domésticas, prostitutas e até dementes, como é o caso da boba em *Os Rios Profundos* - por negras, por mestiças e por índias.

Doidinho extravasou seus desejos reprimidos nos braços de negra Paula, rompendo não só com os falsos princípios morais do colégio, mas também com as leis da tradição religiosa, que não admitem os prazeres da sexualidade, principalmente no momento em que os fatos referidos aconteceram: no período da Semana Santa. A satisfação dos desejos carnis deveria, então, dar lugar às orações e vigílias. Da mesma maneira que a negra Luísa e a mulata Zefa Cajá no engenho Santa Rosa, a negra Paula no colégio também contribuiu para iniciá-lo nas experiências sexuais, isto é, ensinou-a "ficar homem de verdade" (D, p. 58).

Doidinho, quando entrara para o internato, já havia tido a honra de exhibir, aos homens do seu meio, provas concretas de suas "fornicações", pois já havia contraído a "doença-do-mundo" (ME, 117). Isso nos lembra as ressalvas de Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala* (411 e 449), a respeito do papel das negras na formação dos meninos de engenhos que, com elas, iniciavam-se muito cedo nas experiências sexuais. É importante frisar, ainda, que contrair doença venérea era motivo de orgulho para os jovens meninos, que poderiam, então, provar aos outros a sua virilidade.

O sentimento apresentado por Doidinho em relação ao sexo era dúbio. Se, de um lado, ele se sentia afastado de suas mágoas e desconsolos vividos no colégio, pela "vigorosa animalidade" da negra Paula, de outro, via-se praticamente algo demoníaco, que o deixava temente aos castigos de Deus.

Tanto aos olhos de Ernesto quanto aos olhos de doidinho, esse tipo de mulher adquire uma conotação satânica, expressando uma visão próxima das idéias propagandas tradicionalmente pela igreja a respeito das mulheres, que procuram

⁷⁴ O termo "transparência" nesse contexto está sendo usado em relação ao ponto de vista dos homens, inseridos nessa sociedade norteada pelos valores morais conservadores. A mulher ideal nesse tipo de sociedade é aquela que não apresenta nenhuma surpresa ou mistério à figura masculina, não constituindo nenhuma ameaça ao poder de mando do homem.

viver a sexualidade de forma livre. Ao culpar a mulher de levar o homem ao pecado, inocenta-o de quaisquer práticas proibidas que chegar a cometer. Doidinho é tentado por negra Paula da mesma forma que Ernesto sente-se tentado ao sexo quando vê a boba no pátio á espera dos grandes.

A demente Marcelina, em *Os Rios Profundos*, seria a figura feminina correspondente à negra Paula em *Doidinho*. Só que esta se mostrava sensual, fortemente capaz de escolher e de seduzir seus pares amorosos, ao passo que a "boba" ficava reduzida quase que puramente a um objeto de satisfação sexual do padre Augusto e dos rapazes do internato que, com seus comportamentos animais e brutais, desrepeitavam-na como ser humano. A vontade dela, como mulher, não era levada em consideração. Nesse sentido, o narrador de Arguedas é muito mais implacável na crítica aos comportamentos sexuais dos adolescentes de Abancay, mostrando o sexo também como uma forma de violência entre as pessoas.

O tratamento que os internos dispensavam à demente era de tamanha crueldade que a colocava numa condição bastante desprezível, quase comparável à condição de menosprezo da galinha, usada e abusada pelos internos do colégio militar em *Batismo de Fogo*, do escritor Vargas Llosa. Mediante cenas repulsivas e repugnantes à percepção do leitor, o narrador da referida obra mostra que os alunos, para satisfazerem seus desejos sádicos, atormentaram o pobre animal até a morte.

Tendo como ponto de partida a análise da obra de Arguedas realizada por Mário Vargas Llosa, as maiores violências praticadas pelo homem nunca acontecem com tanta brutalidade como nas relações sexuais (1978: 36). A vítima pode ser, nesse caso, um animal, uma mulher índia, branca ou negra e até mesmo alguém do sexo masculino.

De acordo com o que diz Angel Rama, tanto para Ernesto quanto para seus colegas estabelecer uma relação amorosa ou sexual com uma mulher era o mesmo que praticar contra essa violência, além de menosprezá-la, colocando-a como um ser insignificante na sociedade. Tanto na relação sexual com a boba quanto na relação sentimental idealizada com as meninas Salvinia, Alcira e Clorinda, subentende-se um tipo de apropriação violenta por parte do homem (RAMA: 283). Este adquire o posto de dono da mulher. Observa-se que os alunos disputavam não só a boba no pátio do internato, mas também as meninas que, fora do colégio, representavam a mulher idealizada. Cada mulher conquistada transformava-se numa espécie de troféu para que o conquistador pudesse garantir, perante os demais homens, maior masculinidade e poder social. Essa relação de poder e violência, estabelecida pelas pessoas por meio do sexo, transportava para o colégio as mesmas leis que regiam o sistema de dominação do universo externo.

O narrador de Arguedas aponta essa relação muito forte entre sexo, poder e violência; já o narrador de *Doidinho* não define claramente essa relação, até porque

quem ocuparia o posto de sujeito principal dessa tríade seria, seu avô, a quem tanto idolatrava na infância. Ele era dono de tantas terras, mandava em tanta gente e já havia engravidado uma dezena de regras, da mesma forma como agia o filho Juca no tempo presente na narrativa.

Se no espaço do internato o adolescente conta com mulher que satisfaz seus desejos carnis, fora do colégio ele se depara com o feminino *sublime* que, geralmente, no final da trajetória do herói, ajuda-o a afastar-se do meio adverso da escola, como ocorre em *O Ateneu*, de Pompéia e em *O jovem Törless*, de Musil (MAZZARI, 1997: 232). De acordo com o ponto de vista apresentado por essas obras, no universo do internato, lugar designado para transformação da criança em homens prontos para sobreviverem à estrutura da sociedade, não há espaço para a realização do amor como um sentimento *puro*, idealizado.

O contato de Doidinho com o *lado elevado* do feminino se deu no engenho, quando recebia os afetos maternos da tia Maria. Nesse sentido, o encontro com a mulher maternal se dá fora do meio escolar, não no fim, mas antes de o percurso ser concluído pelo herói no internato.

Comparáveis aos carinhos recebidos da tia por Doidinho, são os cuidados que Ernesto recebeu de uma mulher desconhecida na fazenda Patibamba, isto é, no espaço fora do internato:

Sob as mãos gordas que me acariciavam suavemente, dissipava-se a inclemência do caminho empoeirado, do alto do céu queimado e de minhas recordações. Seu choro não me induzia, como outros, a chorar mais desesperadamente. Chamava o sono, o verdadeiro sono das crianças do regaço materno. A senhora compreendeu. Sentou-se em cerimônia, apoiando-se no muro que servia de base à grade e esperou que eu descansasse (RP, p.97).

O colo materno dá ao protagonista peruano conforto e bem-estar, o que revela a necessidade que o adolescente órfão sente dos afagos de uma mãe, principalmente, vivendo num ambiente nada acolhedor como o internato. Essa mulher pode representar a figura da tia Arguedas, chamada por ele de Mamita, de quem, na infância, recebeu carinho e proteção.

As garotas Maria Luísa (em *Doidinho*), Salvínia e outras (em *Os Rios Profundos*) podem representar também para o herói de cada narrativa o lado *sublime* da figura feminina. Ernesto mantinha contato com Salvínia e até com outras meninas no momento em que saía pela cidade, isto é, fora do ambiente escolar. Para exaltar a figura da amada, Ernesto compara a cor dos olhos desta com a cor do zumbayllu em movimento: “ Nem seu rosto, nem seus braços eram da cor do *zumbayllu*, mas seus

olhos sim. Porém não do zumbayllu parado, que é preto, mas **em pleno canto, girando velozmente**; porque a cor do zumbayllu clareia, torna-se parda cristalina" (RP, p. 101, grifos meus).

Pode-se analisar que tanto a mulher que oferece colo materno ao protagonista quanto as amadas são de pele branca e de olhos claros, como os membros da família de Ernesto. Nessa questão, o narrador-personagem pode estar traindo o seu propósito de defensor do povo oprimido e da cultura peruana, em que há forte presença dos elementos andinos, pois a menina adorada por ele não é uma índia ou mestiça, mas uma garota de traços étnicos peculiares do dominador europeu.

Em Doidinho, o protagonista sentia desejos sexuais pelas negras ou mulatas, e pelas garotas que faziam parte da mesma classe social que ele, de pele clara como a sua tia Maria, possuía um *sentimento elevado*, chegando até a se apaixonar por elas. Em relação a essas últimas, o comportamento animalesco, isto é, o desejo sexual incontido não aparece. Dessa forma, para Doidinho, Maria Luísa representava ternura e pureza em oposição ao caráter diabólico e perigoso da negra Paula. De acordo com a perspectiva apresentada, o amor se faz presente longe dos desejos e contatos carnavais.

Eu comecei a andar atrás de seus olhos. Viu-me de longe e sorriu. (...) Passava por mim com um olhar terno, cheio de uma luz amortecida. Olhar que seria **minha janela aberta**, de prisioneiro, por onde o mundo me mostrava **as alegrias e as purezas** que ainda se encontravam pelos seus reinos (D, p. 73, grifos meus)

O olhar da amada envolve o herói, tirando-o do desconsolo e do sofrimento provocado pelo meio em que vivia. Assim, a figura feminina de caráter esplêndido tem o poder de levá-lo, mesmo que seja através da imaginação e da fantasia, para fora do internato.

Na cena descrita pelos fragmentos acima, há ainda uma situação marcada pela presença da intersubjetividade. Os dois amantes eram atraídos pelo olhar um do outro. Melhor fundamentando essa constatação, Alfredo Bosi argumenta que o "olhar condensa e projeta movimentos da alma". E "às vezes a expressão do olhar é tão poderosa e concentrada que vale por um ato" (BOSI, 1989: 78). No espaço controlado pelo olho vigilante do diretor e de seus delatores, não é fala, não há ações e não há qualquer gesto que possa expressar o sentimento dos amantes, só resta a doidinho e a sua namorada expressarem-se através do olhar. Trata-se de uma figura feminina próxima do protótipo da amada inatingível.

Logo mais à frente, o protagonista apresentava um olhar vigilante, ansioso por impedir que sua amada olhasse e fosse vista pelo outro pretendente; "Punha-me a vigiá-lo nos seus olhares, a observar para que lado virava o rosto" (D, p. 74). Quando se trata da relação amorosa, há, então, um calar de vozes, substituídas pelas expressões visuais.

Observa-se que essa divisão das mulheres em dois grupos - as que atendem aos desejos da carne e as que atendem aos desejos do coração do aluno interno - está também presente em *Os Rios Profundos*. Só que Arguedas dá um rumo distinto para a questão da sexualidade feminina em seu livro.

Com a chegada da febre mortífera, tem-se a sensação de que a narrativa também entra num estado febril, pois certas convicções passam por um processo de desmantelamento. Em algumas situações, a racionalidade e a lógica deixam de nortear os acontecimentos do final do texto, os quais ganham conotação fantástica, uma espécie de delírio, como no caso da boba Marcelina, que pouco antes de morrer deixa de ser a pobre demente através de acontecimento mágica.

A partir do momento em que se apoderou do xale de dona Felipa (a forte líder das *cholas*), Marcelina resistiu à exploração sexual de seu maior violentador, o Cabeleira. Felipa ficava no pólo oposto à demente, considerando que aquela agia no sentido de romper com as leis vigentes, desafiava o poder masculino e ainda conseguiu livrar-se das perseguições que sofria. Nesse sentido, parte da capacidade de resistência da líder das *cholas* foi transferida para a demente através do xale, a qual passou a reagir contra aquilo que oprimia. Por meio da morte, Marcelina passa por um processo de purificação, elevando-se na perspectiva do narrador-personagem. A figura da boba apresenta características étnicas que imitam burlescamente a mulher idealizada: "Não era índia; tinha o cabelo claro e seu rosto era branco, embora coberto de imundície. Era baixa e gorda" (RP, p. 53). Era uma espécie de escárnio à mulher branca idealizada, de origem abastada. Em contrapartida, no final do livro, ela adquire a força de luta da mestiça dona Felipa, perde a debilidade mental e purifica seu espírito através da morte, tornando um tipo que, conforme a visão de Ernesto, aproxima-se do perfil de uma mulher sagrada. Assim, a boba passa a constituir os três tipos de mulher numa só: a mulher do desejo carnal, mas como puro objeto de exploração sexual masculina; a mulher forte, rebelde, que não se deixa dominar pelo sexo oposto, numa cultura em que prevalecem os interesses masculinos e, por último, a mulher sublime, ao ser, depois da morte, sacralizada pelo protagonista. Desse modo, Marcelina pode, então, configurar-se como uma síntese de todas as mulheres representadas pelos personagens que fazem parte da narrativa.

O ato sexual entre o herói e o sexo oposto não chega a se concretizar. Consequentemente, ele não consegue deixar de fazer parte do grupo dos menores.

Em síntese, a representação sexual existente na escola está relacionada ao sistema de dominação presente em nosso meio. Pressionado de um lado pelas proibições e de outro pelos desejos impetuosos do período da puberdade, o educando sente-se obrigado a encontrar uma saída para extravasar seus impulsos às escondidas. Assim, ao seguir por veios proibidos, o adolescente passa a se culpar por suas atitudes condenáveis. E nada é melhor para levar um indivíduo a diminuir-se e abater-se diante do mundo do que o sentimento de culpa. Consequentemente, o sentimento de inferioridade limita as forças do ser humano, levando-o a aceitar as normas estabelecidas pelo sistema em vigor.

BIBLIOGRAFIA

- ARGUEDAS, José Maria. *Rios Profundos*. 2. Ed. Madrid: Catedra. 1998; (edição de Ricardo González Vigil).
- _____. *Os Rios Profundos*. Tradução de Gloria Rodriguez. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.
- ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- AGUIAR, Joaquim Alves. "Escola". In: *Espaço da Memória; um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo, editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1998.
- ANDRADE, Mário de. "O Ateneu". In: *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins fontes, 1978.
- BOSI, Alfredo. "Céu Inferno" e "O Ateneu, Opacidade e Destruição". In: *Céu, inferno*: São Paulo: Ática, 1988.
- _____. "Fenomenologia do Olhar". In: *O Olhar*. Companhia das Letras. São Paulo: 1989.
- CHAUÍ, Marilena. *Representação sexual; Essa nossa (des)Conhecida*. 12 ed. São Paulo: 1991.
- FOUCAULT, Michel. *História de la Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11. Ed. Rio de Janeiro: edições Graal, 1993.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*. 35.ed., Rio de Janeiro; Record, 1999.
- LLOSA, Mário Vargas. *José María Arguedas, entre Sapos y HALcones*. Madrid: 1978.
- _____. *Batismo de Fogo*. Rio de Janeiro: Nova fronteira.
- MAZZARI, Marcus V.: "Representações Literárias da Escola". *Estudos Avançados*. Nº 31, v. 11, set-dez. 1977.
- NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. São Paulo: Ateliê editorial, 2000.
- PERRONE-MOISÉS, Leila. "Lautréamont e Raul Pompéia", In: *O Ateneu: retórica e paixão*, São Paulo: Brasiliense, 1991.

-
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu; crônica de saudades*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1984.
- RAMA, Ángel. *Tranculturación Narrativa em América Latina*. México/Espanã/Argentina/ Colombia: SigloVeintiuno editores, s/d.
- REGO, José Lins. *Menino de Engenho*. 24. Ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1977
- _____. *Doidinho*. 20. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- ROUSSEAU, Jean- Jacques. *Emílio ou Da Educação*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- RUSSOTTO, Margherita. *Arcaísmo e Modernidade de José Lins do Rego; uma leitura de Doidinho*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 1987.
- SARTRE, Jean- Paul. *O ser e o nada*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- VIGIL, Ricardo Gonzáles. "Introducción", "Vida y obra de Arguedas: Consideraciones generales", "Configuración y sentido de *Los Rios Profundos*" y Notas. In: ARGUEDAS, José Maria . *Los Rios Profundos*, 2. Ed. Madrid: Ediciones Catedra, 1998.